

oriundos do Velho Mundo. Podemos mesmo afirmar que algumas personagens suas nada mais são que portugueses disfarçados em índios. Contudo, se é verdade que o seu romantismo tem raízes na Europa, não é menos exacto que Alencar foi buscar no passado e em diferentes regiões do país — no sertão, nas coxilhas gaúchas e na sociedade carioca do século XIX — o material com que forjou as suas narrativas, antecipando, assim, a discutível tese de Gilberto Freyre (1900-1987) segundo a qual a diversidade não altera a unidade brasileira fundamental. Mas o indianismo alencariniano não é apenas um produto da fusão dos elementos transplantados e dos componentes autóctones. Os seus pressupostos ideológicos são evidentes, já que aspira sobretudo à afirmação da nacionalidade. Relativamente à língua portuguesa, Alencar manifesta, de resto, idêntica atitude, de oposição a Portugal. Similar, embora atenuada, é a postura do poeta e dramaturgo Gonçalves Dias (1823-1864) que declara: "A minha opinião é que ainda, sem o querer, havemos de modificar altamente o português."<sup>39</sup>

Com o advento do que Alceu Amoroso Lima chama Pré-modernismo (1900-1920), observamos uma nova reorganização do sistema literário brasileiro. Os seus três elementos constitutivos — literatura transplantada, componentes autóctones, literatura europeia —, termos de sucessivas e diferentes oposições binárias, acabam então por fundir-se e formar uma unidade que se confrontará com outra(s).

O Pré-modernismo caracteriza-se, na realidade, pela eclosão dos movimentos regionalistas que nascem ainda durante o período romântico. Estes movimentos opõem-se ao modelo literário que passa a vigorar no país, modelo resultante da fusão dos elementos transplantados, dos componentes autóctones e dos padrões europeus recentemente assimilados. Convém precisar, todavia, que as literaturas regionais não se identificam com os componentes autóctones. Estes são elementos civilizacionais decorrentes do contacto que os portugueses e os seus descendentes estabeleceram com a natureza, os indígenas, os negros... Criou-se, assim, uma nova comunidade que engendrou as suas próprias tradições e que encontrou formas de expressão singulares com a literatura popular, os mitos, o folclore, etc.. Estes componentes autóctones, artisticamente transformados, associaram-se num primeiro momento aos elementos transplantados e a seguir também às influências literárias europeias para constituir enfim um paradigma literário que se impôs à generalidade do espaço brasileiro. As literaturas regionais, por sua vez, consistem, conforme Joseph T. Shipley, no "movimento específico de "regresso à terra"<sup>40</sup>. Embora recorram à língua portuguesa e a estruturas literárias canónicas, distanciam-se, desde a nascença, do modelo adoptado geralmente no país.

O aparecimento dos regionalismos leva-nos a afirmar, com Eduardo Portella, a existência, não de *uma* literatura brasileira, mas de várias. Com efeito, as diferentes literaturas regionais não se confundem. Se atentarmos, por exemplo, para os textos gauchescos, de Caldre e Fião (1821-1875) a Érico Veríssimo, veremos que apresentam uma evolução própria, coerente, o mesmo valendo para os mineiros, de Bernardo Guimarães (1825-1884) a Guimarães Rosa. Contrariamente ao que pensam numerosos críticos e historiadores, a literatura brasileira é plural, à imagem dos sujeitos que a criam.

<sup>39</sup> Gonçalves Dias, "Carta ao Dr. Pedro Nunes Leal", *Estudo Clássico da Revista de Língua Portuguesa* 7, 1921, p. 131, citado por Celso Ferreira da Cunha, *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro Ltda., 1970, p. 24.

<sup>40</sup> Joseph T. Shipley, *Dicionário de la Literatura Mundial: Crítica — Formas — Técnica*, trad. de Rafael Vázquez Zamora, Barcelona, Ed. Destino, 1962, v. "regionalismo", p. 433.

in SARAIVA, Arnaldo e TOPA, Francisco (org.) - *Literatura Brasileira em Questão - Actas do II Congresso Português de Literatura Brasileira*, Porto, Faculdade de Letras, 2000

## BASÍLIO DA GAMA: A OBRA POR VIR

### 7 inéditos e uma nova versão\*

FRANCISCO TOPA

1. A obra de Basílio da Gama é um bom exemplo de uma certa desatenção da crítica perante autores e momentos importantes do período de formação da literatura brasileira. É certo que o panorama se tem vindo a modificar favoravelmente nos últimos anos, o que fica a dever-se, por um lado, ao interesse demonstrado pela investigação universitária — traduzido nas dissertações de Ivan Teixeira<sup>1</sup>, António Manuel Nunes<sup>2</sup> e Vânia Pinheiro Chaves<sup>3</sup> — e, por outro, ao aparecimento recente da edição das *Obras Poéticas de Basílio da Gama*, organizada pelo primeiro dos investigadores referidos<sup>4</sup>. Apesar disso, passado o bicentenário da morte do poeta mineiro, o estudo da sua obra continua a apresentar muitas lacunas, da mesma forma que a edição dos seus textos continua sendo uma tarefa inacabada. Com efeito, ao contrário do que acontece com os seus contemporâneos Cláudio, Gonzaga ou Alvarenga Peixoto, a obra de Basílio não está ainda convenientemente reunida e fixada.

A recente edição de Ivan Teixeira, representando um avanço importante nesse domínio — sobretudo no que respeita ao apuramento textual dos poemas mais difundidos —, não resolveu contudo o problema. Em primeiro lugar, compreende-se mal que o seu organizador se tenha limitado, conforme declara,

\* A versão do trabalho agora publicada apresenta algumas alterações face àquela que foi apresentada no Congresso.

<sup>1</sup> *Epopeia e Modernidade em Basílio da Gama*, dissertação de mestrado: São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da U.S.P., 1987.

<sup>2</sup> *Tem Papagaio no Pombal — Leitura d' "O Uruguay"*, dissertação de mestrado: Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da U.F.R.J., 1989.

<sup>3</sup> *"O Uruguay" e a Fundação da Literatura Brasileira — Um caso de diálogo textual*, dissertação de doutoramento: 2 vols., Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, 1990.

<sup>4</sup> *Obras Poéticas de Basílio da Gama — Ensaio e edição crítica*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

«por estratégia de trabalho, ao *corpus* estabelecido por Norberto / Veríssimo», não operando assim «nenhum expurgo de atribuição indevida ou acréscimo de inédito com autoria comprovada» (p. 183). Na verdade, não vemos motivos que justifiquem o facto de o autor ter seguido a edição de José Veríssimo no que respeita ao estabelecimento do *corpus*, na medida em que, como é sabido, há uma série considerável de textos menores — tanto dos publicados em vida de Basílio quanto dos publicados postumamente, inclusive pelo próprio Veríssimo — em relação aos quais os testemunhos de atribuição são insuficientes ou discordantes, exigindo assim um estudo pormenorizado, que poderia levar à exclusão de alguns deles ou à sua remissão para um apêndice. Por outro lado, também não nos parece aceitável que poemas dados a conhecer depois da edição de 1920 — alguns dos quais impressos em vida do poeta e sem quaisquer dúvidas de atribuição — tenham sido excluídos por Ivan Teixeira da sua edição. Num outro plano, também não entendemos que uma edição que o seu autor apresenta como crítica despreze em muitos casos as versões manuscritas de textos publicados postumamente, ou considere apenas as que Veríssimo explicitamente seguiu. Por último, o modelo e a forma de apresentação daquilo que deveria ser uma aparato crítico suscitam também muitas reservas.

Em conclusão, podemos dizer que, apesar de alguns progressos alcançados, a observação feita por Ivan Teixeira segundo a qual «o poeta anda mal editado» (p.185), continua, infelizmente, a ser verdadeira.

2. Feito este balanço preliminar, daremos agora um pequeno contributo para a superação das lacunas que a edição da obra de Basílio da Gama continua a revelar: apresentaremos 7 poemas inéditos (6 sonetos e 1 décima) e uma versão manuscrita — ao que supomos, desconhecida até agora — da glosa da quadra do Duque de Lafões contendo uma série de variantes significativas relativamente ao texto apurado por Ivan Teixeira. Todos esses textos virão publicados no final deste trabalho.

Como advertência prévia, convém notar que as indicações de autoria constantes do testemunho manuscrito em que se encontram recolhidos os sonetos não são absolutamente seguras. Com efeito, todos os seis sonetos são precedidos pela indicação abreviada «B.<sup>o</sup>», o que, embora pareça não poder apontar para outro autor, não constitui uma garantia absoluta. A confirmação definitiva exigirá, portanto, estudos mais pormenorizados e de outro tipo.

2.1. Começamos pela apresentação dos sonetos, forma poética bastante comum na obra do autor de *O Uruguay*. Com efeito, estavam até ao momento atribuídos a Basílio da Gama 41 sonetos, que poderíamos distribuir do seguinte modo: 13 publicados em vida do autor; 25 publicados postumamente; 3 inéditos,

<sup>5</sup> O autor refere-se a um conjunto de apontamentos biobibliográficos e de documentos destinados a uma edição das obras de Basílio que Joaquim Norberto de Sousa Silva não chegaria a publicar. Esse material está hoje depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> VERÍSSIMO, José — *Obras Poéticas de José Basílio da Gama, precedidas de uma biografia crítica e estudo literário do poeta*, Rio de Janeiro / Paris, Garnier, s. d. [1920].

revelados e reproduzidos por Vania Chaves na sua dissertação de doutoramento. Acrescentando os 6 que agora daremos a conhecer, o número total eleva-se assim para 47.

Os sonetos por nós descobertos figuram todos no volume V de uma miscelânea manuscrita que recolhe poemas de autores da segunda metade do século XVIII e apresenta o seguinte título: «Flores do / Parnazo / ou / Collecção / de / Obras Poéticas / de / Differentes Auctores / Junctas pelo cuidado / de / J... N... S... M...». Tendo pertencido à colecção de Rubens Borba de Moraes, o códice está hoje na biblioteca do Dr. José Mindlin, em São Paulo. Ocupando as p. 175-180, os sonetos apresentam-se consecutivamente: «As noutes passo triste, passo os dias» (I); «Morrendo triste, vivo nesta Aldea» (II); «Se pertendo queixar-me da Pastora» (III); «Ancella, Ancella, deixa-me querer-te» (IV); «Tu, Pastora, nasceste de alta esfera» (V); «Hes Mulher, não te culpo, vaite embora» (VI).

Ao contrário de boa parte dos sonetos de Basílio até agora conhecidos — frequentemente de orientação circunstancial ou satírica —, este novo conjunto é maioritariamente lírico, estando dominado pelo tema do amor, apresentado sob cambiantes diversos. A adesão ao imaginário e à linguagem do arcadismo é notória, traduzindo-se também no recurso à convenção pastoril e à roupagem mitológica.

O motivo mais comum é o do lamento perante a inconstância da mulher amada:

Ai, infeliz Pastor! E como agora  
Ancela te há-de ouvir, se delinquente  
O voto quebrantou, e está patente  
A culpa desta falsa enganadora? (III, v. 5-8)

É igualmente frequente a expressão do sofrimento e da perturbação causados pelo amor:

As noutes passo triste, passo os dias  
E as horas por Ancela suspirando.  
Não sei adonde estou, nem por donde ando,  
Se gostos tenho, se melancolias (I, v. 1-4).

2.2. A décima, iniciada pelo verso «Vi huma noite ajuntar», está no Ms. 1912 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, f. 12v.

Até ao momento, eram conhecidas duas décimas do autor, ambas publicadas postumamente e ambas excluídas da edição de Ivan Teixeira: «Não virão Sol nem Estrellas»<sup>7</sup> e «Conheceu não muito cedo»<sup>8</sup>. Um pouco à semelhança delas, também esta revela esse lado mais ligeiro e gracioso da veia poética de Basílio, agora posto

<sup>7</sup> Publicada por Januário da Cunha Barbosa no *Parnazo Brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto inéditas como já impressas* vol. 1.<sup>a</sup>, caderno 3.<sup>a</sup>, Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional, 1830, p. 36.

<sup>8</sup> Publicada por Alberto Pimentel em *Zamperineta* — Segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa; Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1907, p. 216.

ao serviço do retrato de uma dama para cuja identificação o autor desana — numa estratégia próxima da adivinha — o leitor (ou o ouvinte).

2.3. Temos depois uma versão manuscrita da glosa feita por Basílio da Gama à quadra do Duque de Lafões, publicada pela primeira vez em 1814<sup>9</sup>. Incluída no Ms. 1912 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, f. 76r-77r, essa versão revela uma série de divergências importantes face à lição apresentada por Ivan Teixeira, pelo que julgámos útil a sua publicação, que será acompanhada por um aparato em que virão assinaladas essas diferenças.

2.4. A encerrar o conjunto dos poemas que publicaremos à frente, virá o soneto «Eu vi Amor a militar armado». Com base no Ms. 10, 1, 15 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em que ele vem atribuído a «J. B.» no f. 121v, tínhamos considerado o poema como sendo de Basílio na versão anterior deste trabalho. Acontece porém que tivemos entretanto oportunidade de descobrir dois outros testemunhos manuscritos em que é indicado como seu autor João Pereira. Os testemunhos em causa são o códice 8610 da Biblioteca Nacional de Lisboa, p. 265, e o Ms. 542 do Fundo Manizola da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora, p. 270. Perante estes novos elementos, cremos que a exclusão do soneto do cânone da obra basiliiana não é passível de contestação. Apesar disso, como dissemos, apresentaremos uma edição crítica do texto, com um aparato de tipo negativo.

Quanto ao seu provável autor, João Pereira, supomos que se tratará do carioca João Pereira da Silva, de quem Januário da Cunha Barbosa apresenta uma síntese biográfica no seu *Parnazo Brasileiro*<sup>10</sup>. De acordo com essa nota, terá nascido cerca de 1748, vindo a falecer em Lisboa a 7 de Março de 1818. Boa parte da sua obra ter-se-á perdido: «Os seus excellentes Versos, e traducções das Lingoas Latina, Franceza, Italianna, e Ingleza, perderão-se por sua morte em mãos de quem as não sabia apreciar assim como os seus Sermões pregados na Ilha da Madeira, na Capella da Ajuda em Lisboa pela paz Geral, e os desta Cidade, e a penas nos resta algum como o da chegada da Familia Real»<sup>11</sup>. Salvaram-se os quatro poemas publicados por Barbosa e cinco inéditos que descobrimos, uma ode e quatro sonetos.

2.5. Antes de terminar, importa ainda fazer outra correcção. Na versão anterior deste trabalho, incluímos nove outros poemas cuja indicação de autoria nos oferecia algumas dúvidas. Dissemos na altura que essa indicação constava de «J. B. da G.<sup>a</sup>». Tendo tido oportunidade, graças à colaboração de Vânia Pinheiro Chaves, de consultar novamente os testemunhos manuscritos em causa, verificámos

<sup>9</sup> In *Journal de Coimbra*, VII, n.º XXXV — Parte I, Lisboa, Impressão Regia, 1814, p. 213.

<sup>10</sup> «Breve noticia sobre a vida de João Pereira da Silva (natural do Rio de Janeiro)», in *Parnazo Brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*, vol. II, cad. 8.º, Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional, 1832, p. 23-24.

<sup>11</sup> *Op. cit.*, p. 24.

que a última consoante não é um G, havendo algumas possibilidades de se tratar de um S. Seja como for, e embora seja ainda necessário aprofundar a questão de forma a ser identificado o autor, não restam dúvidas de que os poemas não pertencem a Basílio da Gama. Para deixar este ponto claro, passamos a fornecer a relação dos textos em causa:

— uma ode anacreontica iniciada pelo verso «N'hu Campo esmaltado», incluída no volume I, f. 91v-93r, de um cancioneiro manuscrito já referido que apresenta na lombada o título «FLORES / DO / PARNASO» e pertence actualmente ao Dr. José Mindlin;

— quatro sonetos que surgem, de forma não consecutiva, no volume III da mesma miscelânea: «Se Eu tão rico me visse, que encerrasse» (f. 20v); «Nereidas que habiaes a vêa pura» (f. 26v); «Brilha, em Teus lindos olhos vencedores» (f. 27r); e «Quantas vezes, Senhor, pulsando a Lyra» (f. 28r);

— quatro glosas, recolhidas no mesmo volume III da miscelânea em causa: «Que estranho caso contemplo!» (f. 134r); «Se os humanos peitos ferem» (f. 134v); «Dize, Cupido: Te assusta» (f. 136r e v); e «Campinas, ameno Prado» (f. 137r e v).

3. cremos que os dados apresentados podem, depois de convenientemente estudados e articulados com o resto da obra já conhecida, trazer novos elementos sobre a personalidade literária de Basílio da Gama.

Cremos também, num outro plano, que este trabalho terá servido para mostrar a necessidade urgente de se proceder à recolha sistemática e à efectiva fixação crítica dos textos do poeta mineiro, tarefa que — incompreensivelmente, do nosso ponto de vista — continua a ser requerida por uma franja muito significativa da literatura brasileira do chamado período colonial.

## EDIÇÃO DOS POEMAS

Publicamos agora os 7 poemas inéditos de Basílio da Gama referidos no nosso trabalho, assim como a versão desconhecida da glosa à quadra do Duque de Lafões e o soneto que, pelas razões expostas, decidimos excluir do cânone do autor.

Os textos inéditos foram transcritos de acordo com as normas que temos vindo a seguir para a edição de textos deste período<sup>12</sup>. No que respeita à versão da glosa, limitámo-nos a transcrever a lição do manuscrito, anotando em rodapé todas as diferenças significativas face ao texto apurado por Ivan Teixeira, que será identificado pela sigla *IT*.

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, *Quatro Poetas Brasileiros do Período Colonial — Estudos sobre Gregório de Matos, Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga*, Porto, Edição do Autor, 1998, p. 13-14.

Testemunho — Miscelânea manuscrita intitulada *Flores do / Parnazo / ou / Collecção / de / Obras Poeticas / de / Differentes Auctores / Junctas pelo cuidado / de / J... N... S... M...*; p. 175. Na lombada vem a indicação «Vol. V». A miscelânea recolhe poemas de autores da segunda metade do século XVIII. Tendo pertencido à colecção de Rubens Borba de Moraes, o códice está hoje na biblioteca do Dr. José Mindlin. Cota: RBM/5/b.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.».

As noutes passo triste, passo os dias  
E as horas por Ancela suspirando.  
Não sei adonde estou, nem por donde ando,  
Se gostos tenho, se melancolias.

5 Qualquer Pastor me deixa entre agonias,  
Enfim, de Aleixo todos 'stão zombando.  
Aonde irei, se em mágoas tropeçando  
Não espero jamais ter alegrias?

10 Até o sol me foge, e a nuvem densa,  
Oposta à luz, fez noute na cabana  
Que era deste zagal sala e despensa.

Não passo dia, hora, nem semana,  
Que o meu triste pesar em recompensa  
Me não traga à memória essa Tirana.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas o autor recorre também ao pentâmetro iâmbico nos v. 1, 6, 9 e 12.

Testemunho — *Ibid.*, p. 176.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.».

Morrendo triste, vivo nesta Aldeia  
Sem Gado, sem Pastora nem Amigo;  
Umás vezes me esqueço do que digo  
E outra vez o que calo me recreia.

5 Não me lembra o jantar, menos a ceia,  
Muito pouco já hoje a caça sigo;  
Pelos caminhos falo só comigo  
E nada o gosto enfim me lisonjeia.

10 Já por louco me têm. E na verdade,  
Que bem provada está minha loucura,  
Depois que me atormenta esta saudade.

Este mal que padeço não tem cura.  
Mas que importa tolere esta crueldade,  
Se tudo quanto sofro é por *Ventura*?

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas surge o pentâmetro iâmbico no v. 1.

Testemunho — *Ibid.*, p. 177.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.».

Se pertendo queixar-me da Pastora  
Que tanto amava, Amor o não consente;  
Se a desculpá-la vou como inocente,  
Amor, o mesmo Amor, a acha traidora.

5 Ai, infeliz Pastor! E como agora  
Ancela te há-de ouvir, se delinquente  
O voto quebrantou, e está patente  
A culpa desta falsa enganadora?

10 Como depois te atreves de jurar-me  
Tanta constância, Ingrata, {alinda a ofender-me?  
Esta é a que a amar há-de ensinar-me?

Ah, Pastores, sentido vinde a ver-me!  
Dela fugi, que assim soube enganar-me,  
Que das mais eu protesto defender-me.

10. Esta aférese é imposta pela métrica.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas ocorre o pentâmetro iâmbico no v. 2.

Testemunho — *Ibid.*, p. 178.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.».

Ancela, Ancela, deixa-me querer-te  
Ou toma conta do meu Gado todo,  
Que eu sem ti a servir não me acomodo,  
Pois antes perder tudo que perder-te.

5 Anfriso poderá mais merecer-te,  
Pois a fortuna lhe deu graça e modo.  
Tudo isso te concedo  
Goza os carinhos que eu não sei fazer-te.

10 Vai-te em paz, que eu farei que dos Pastores  
Sejas notada, sirvas de escarmento  
À nobre queixa destes meus clamores.

Ancela, ó Céus!, será por nascimento  
A Pastora que ostenta mais rigores  
De quantas o sol tem conhecimento.

3. servir] Parece tratar-se de uma emenda, embora não definitiva: a palavra está escrita acima da linha, sobreposta a «viver», mas sem que esta esteja riscada.

7. O verso está incompleto no original.

ABBA / AB(B)A / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas são sáficos os v. 2, 6 e 8. O v. 9 apresenta uma acentuação diferente: (1)-(3)-5-7-10.

Testemunho — *Ibid.*, p. 179.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.º».

Tu, Pastora, nasceste de alta esfera,  
Eu, infeliz, desta pequena choça;  
Tu do sol enobreces a carroça,  
Eu nem do monte a mais humilde fera.

5 Tu dominas alegre a Primavera,  
Eu do mato exercito agora a roça;  
O gado já morreu, nem há quem possa  
Consolar-me, se bem meu mal pondera.

10 Querer-te desigual fora agravar-te,  
Porém maior delito o não querer-te.  
Ai de mim, que mais hei-de declarar-te?

Por quem sou, já não posso merecer-te;  
Mas como me permitas adorar-te,  
Será menor a pena de perder-te.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas são sáficos os v. 2 e 4, e o pentâmetro iâmbico é usado nos v. 7 e 10.

Testemunho — *Ibid.*, p. 180.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.º».

És Mulher, não te culpo, vai-te embora,  
Outro Pastor mais vário enfim procura.  
Se o teu engano nasce de loucura,  
Pondera-o uma vez como Senhora.

5 Que me podes dizer, Falsa Pastora,  
Que não seja desar da formosura?  
Se produz tal desgraça esta ventura,  
Quem se pode livrar de uma má hora?

10 Se tanto prezas essa variedade,  
Deixa de me pedir uma firmeza  
Que do peito riscou tua crueldade.

Pastora ingrata já por natureza,  
Ou trata c' os Pastores mais verdade,  
Ou não manches de Amor hoje a pureza.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Todos os versos são decassílabos heróicos.

Testemunho — Ms. 1912 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, f. 12v. Trata-se de uma miscelânea poética que recolhe textos de autores da segunda metade do século XVIII. O códice não apresenta título.

Observações — No final, como indicação de autoria, está escrito «De Joze Bazilio».

- Vi uma noite ajuntar,  
 Nesta rocha que o mar beija,  
 Ninfas que fazem inveja  
 Às mesmas Ninfas do mar.  
 5 Vinham todas festejar  
 Uma Deusa com ornato,  
 Cheias de respeito inato,  
 Soltos formosos cabelos,  
 Mas gostosos olhos belos:  
 10 Tirem-na pelo retrato.

Trata-se de uma décima espinela, que recorre portanto ao esquema ABBAACCCDDC. O esquema acentual é variado, como é típico do redondilho maior.

Testemunho — Ms. 1912 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, f. 76r-77r.

Observações — No final, como indicação de autoria, está escrito «Joze Bazilio da Gama».

## Mote

Muita terra tenho andado  
 Muita gente ferquentei  
 Com todos tive fortuna  
 Mas nunca melhor me achei.

## Glosa

1.<sup>a</sup>

- Não pelo esplendor da Corôa  
 Nem pelos Troféos antigos  
 Por trabalhos, por perigos  
 De meo nome a Fama vôa.  
 5 Fumegaria ainda Lisboa,  
 Eu deixando o Tejo amado,  
 Entreguei-me à sorte, e ao Fado,  
 Para adquirir novos lumes,  
 Vendo os homens, e os costumes  
 10 Muita terra tenho andando.

2.<sup>a</sup>

- Vi a antiga, e nobre Hespanha,  
 A audaz, e livre Inglaterra,  
 Gallia illustre em paz, e em guerra,  
 E a sumptoza Allemanha.  
 15 Veneza a quem o Mar banha,  
 O Pó, que he das agoas Rey;  
 Bizancio com outra Ley,  
 A Grecia com outro Rito;  
 Da Moscovia ao sabio Egypto:  
 20 Muita gente ferquentei.

1. Não] Nem *IT*

5. Fumegaria ainda] Fumegava inda *IT*

8. Para] Por *IT*

9. os homens, e os costumes] gentes e costumes *IT*

12. A audaz e livre] A livre audaz *IT*

16. O Pó, que he das agoas Rey] O Tibre das Águas Rei *IT*

19. Da Moscovia] De Moscou *IT*

- Ora de Murtas coroadado,  
 Ora seguindo outro rumbo,  
 Coberto de pó, e fumo,  
 De nobre suor banhado.  
 25 Vi o Pelouro ao meu lado,  
 Romper guerreira columna,  
 Girando a Fouce importuna.  
 Respeitou-me sempre a Parca;  
 E do Pastor ao Monarca:  
 30 Com todos tive fortuna.

4.<sup>a</sup>

- Mas eu devia a estes áres  
 Rico thezouro adquirido,  
 Pelo qual tinha corrido  
 Tanta terra, e tantos Mares.  
 35 Tornei aos meus patrios Lares;  
 As sciencias convoquei;  
 As Artes bellas chamei;  
 E as Muzas em largo giro;  
 Orno em paz o meu retiro:  
 40 Mas nunca melhor me achei.

31. eu devia] devendo *IT*32. Rico] Novo *IT*33. Pelo qual] Por quem eu *IT*34. Tanta terra] Tantas terras *IT*38. E as Muzas em largo giro] Segui das Musas o giro *IT*39. Orno em paz o meu retiro] Hoje vivo em mais retiro *IT*

Testemunhos — Cod. 8610 da Biblioteca Nacional de Lisboa, p. 265 (atribuído ao P.<sup>o</sup> João Pereira). O códice apresenta o seguinte título: «Collecção / de/ Sonetos, / que se não achão / impressos, extra= / hidos dos ms. / antigos, e / moder / nos / 1786.»

— Ms. 542 do Fundo Manizola da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora, p. 270 (atribuído a João Pereira). A miscelânea intitula-se «Collecção / de varias obras poeticas / dedicadas / às Pessoas de bom gosto / por / Henrique de Brederode» e reúne matéria poética da segunda metade do século XVIII.

— Ms. 10, 1, 15 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, f. 121v (atribuído a J. B.). O códice não apresenta título e recolhe também textos de autores da segunda metade do século XVIII.

BNL, 8610, p. 265 (P.<sup>o</sup> João Pereira) = *A* / BADE, FM, 542, p. 270 (João Pereira) = *A*<sub>1</sub> / BNRJ, 10, 1, 15, f. 121v (J. B.) = *A*<sub>2</sub>

Versão de *A*

## A um Amor

Eu vi Amor a militar armado,  
 Tendo na destra um Estandarte erguido,  
 Cobrindo a frente a um esquadrão luzido  
 De Cupidinhos mil enfileirado.

- 5 Trazia o Deus um curvo alfanje ao lado,  
 E os mais o esquerdo ombro guarnecido  
 De cruentos farpões, fazendo unido  
 Tudo um corpo de setas eriçado.

- 10 Passou a linda Alcipe. Eis com toda a arte  
 Apresentam-se os ferros passadores  
 E Amor bateu três vezes o Estandarte.

Erguem-se as vozes, batem-se os tambores:

— «Viva, viva, soou por toda a parte,  
 A linda Mãe da tropa dos Amores.»

*Legenda. Faltam em A<sub>1</sub>, A<sub>2</sub>*

3. a um esquadrão] um batalhão *A*<sub>1</sub> a um batalhão *A*<sub>2</sub>

7. fazendo] formando *A*<sub>1</sub>, *A*<sub>2</sub>

8. Tudo] Todo *A*<sub>2</sub>

9. Eis] E *A*<sub>2</sub> toda a arte] tod'arte *A*<sub>1</sub> toda arte *A*<sub>2</sub>

14. A linda] A bela *A*<sub>2</sub>

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas são sáficos os v. 1-3 e 5. O v. 12 apresenta uma acentuação diferente: (2)-4-7-10.